

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE AGOSTO DE 1913

N.º 350

S. Ex.^a o sr. Presidente da Republica



Primeiro retrato do sr. dr. Manuel de Arriaga depois da grave doença que o acommetteu

(Phot. de ...)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de agosto de 1913

Foi pouco movimentada a ultima quinzena.

A doença do sr. Presidente da Republica absorveu quasi por completo as atenções, sendo nota digna de especial registo o interesse que o estado de S. Ex.^a inspirou.

Viu-se agora, bem claramente demonstrado, que o sr. dr. Manuel de Arriaga é não só uma individualidade de destaque no nosso meio social como tambem um homem que pelos seus talentos e virtudes, muito especialmente pelas suas virtudes, soube impôr-se ao respeito e á consideração dos seus concidadãos.

N'um periodo agitado como o que temos atravessado e vamos atravessando, não é demais frisar que o interesse pelo estado do sr. Presidente da Republica foi geral, não havendo ninguem que não desejasse o prompto restabelecimento de S. Ex.^a

Porque se tratava do chefe do estado? Porque a sua falta seria uma perda enorme para a Republica?

Não. Visto o caso por este lado, elle só dizia respeito aos partidarios do novo regimen e não foram só estes que se interessaram pela saude do sr. dr. Manuel de Arriaga.

A linguagem dos jornaes monarchicos, os votos que formularam pelas melhoras de S. Ex.^a, nenhuma duvida deixam acerca do apreço em que são tidas as qualidades do homem que é hoje o chefe do estado em Portugal.

Ninguem quer mal ao Presidente da Republica, o que plenamente demonstra que os monarchicos, não obstante todas as accusações que lhe são feitas, sabem prestar homenagem a quem tem valor, respeitar quem sempre se soube mostrar digno de respeito, differençar uma alma nobre das muitas almas pequeninas que por ahí vegetam.

Os monarchicos vêem no sr. dr. Manuel de Arriaga o homem bondoso e austero que, sendo republicano como é do seu direito, sempre soube defender os seus ideaes sem amontoar odios em volta de si, sem faltar ao respeito devido ás alheias convicções, sem querer para a sua pessoa ou para o seu partido o monopolio de todas as virtudes, de toda a sabedoria, sem apontar os adversarios como pessoas de classe infima, especie de escravos brancos em pleno seculo xx, raça de vilões ou de traidores.

Tão bom cidadão na vida politica como na vida intima, o Sr.

Presidente da Republica tem para toda a gente o valor que resulta de uma vida exemplarmente coherente e acêrca da qual se contam cousas que o apresentam como modelo de uma honestidade infelizmente já hoje rara entre nós, embora seja grande o numero de pessoas que teem a habilidade de saber viver sem cahir debaixo da alçada das leis e baixar á sepultura com os indispensaveis necrologios exaltando as suas qualidades de caracter.

Para os monarchicos, embora seja um adversario, é um homem digno de consideração, pois se acostumaram a ver n'elle o republicano sincero e modesto que nunca transigiu com a Monarchia, que nunca beijou a mão do rei, que nunca aceitou favores da realza, não obstante pelo seu saber e qualidades poder aspirar aos mais altos cargos dentro do antigo regimen.

E, no entanto, quem poderia prever, nos bons tempos da sua mocidade, que a monarchia cahiria tão cedo?!

Encarada a questão sob este aspecto, elle só por si constituiria motivo para que os defensores da Republica lamentassem a perda do sr. dr. Manuel de Arriaga. E' que só muito difficilmente conseguiriam arranjar outro chefe de estado que assim se impoesse á consideração geral, o que faz uma certa differença d'aquelle frio respeito, porque mais não pode ser, que a Constituição manda que os cidadãos tenham pela pessoa do primeiro magistrado do paiz.

E' possivel que alguns republicanos não liguem a devida attenção a estas cousas; ellas, todavia, teem valor, porque os monarchicos são primeiro que tudo *gente*, são mesmo muita gente como se pode observar pelo grande numero d'elles que estão presos, e depois são portuguezes, assistindo-lhe, portanto, o direito de ter opiniões e preferencias.

Ora os partidarios da realza sabem perfeitamente que, se a presidencia do sr. dr. Manuel de Arriaga não se tem assignalado por actos que seria justo esperar da sua bondade e intelligencia, não é por culpa sua mas por defeito de um regimen que, tendo censurado na forma monarchica a existencia de um rei que *reina e não governa*, ainda mais aggravou o erro apontado, arranjando um chefe de estado com funcções limitadissimas, que de forma alguma são proprias para fazer brilhar as qualidades de quem ascende a tão elevado cargo.

Os monarchicos fazem, pois, a devida justiça ao sr. dr. Manuel de Arriaga reconhecendo que, se pelos motivos apontados, da sua elevação á suprema magistratura do paiz nenhum brilho lhe adveiu, S. Ex.^a pelas suas primorosas qualidades honra o regimen que o escolheu para chefe de estado.

J. NUNES DE FREITAS.

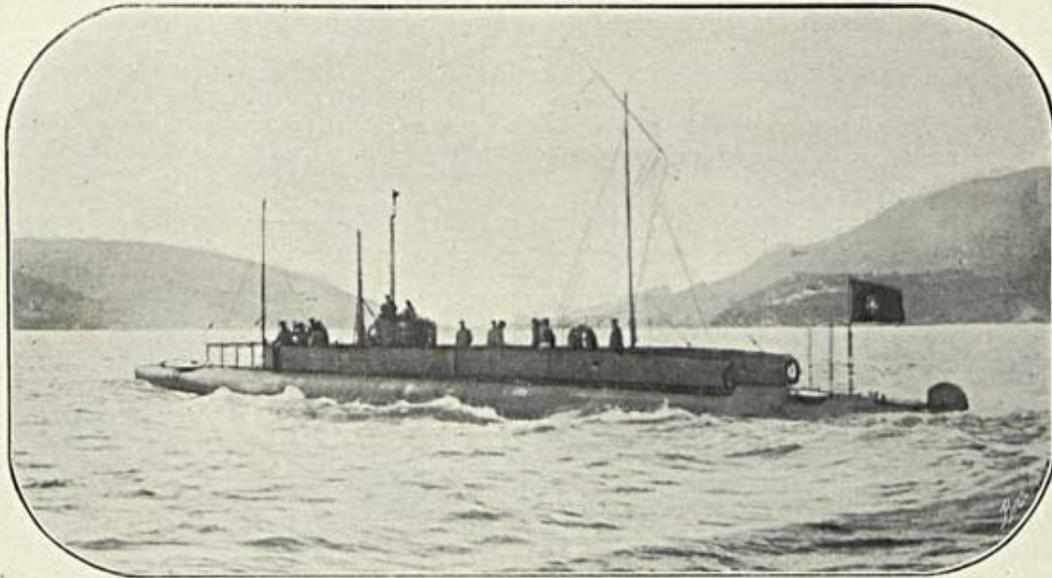
A conspiração monarchica



Grupo offerecido pelos officiaes capitão Francelino Pimentel, major Monteç e tenente Antonio Ferreira, ha mezes condemnados pelo Tribunal Marcial de Lisboa, ao conspirador J. Monteiro

ASSUMPTOS DE MARINHA

Marinha de guerra portugueza



O submersivel «Espadarte» recentemente chegado ao Tejo

Vasco da Gama

Descobrimto do caminho maritimo para a India

Aroz a morte do inclito infante D. Henrique, em 1460, continuou, por ordem de D. Affonso V, a exploração da costa africana, mas, a breve trecho, este monarcha, absorvido pelos seus projectos da conquista de Marrocos, no que infelizmente não teve continuadores, resultando por isso inuteis as suas brilhantes victorias, desinteressou-se dos descobrimentos maritimos e resolveu... pôr em praça o privilegio de descobrir terras ao longo da costa africana, nova e curiosa industria, genui-

namente portugueza. O que é certo é que a praça não ficou deserta, pois appareceu Fernão Gomes que se abalançou á empreza, parecendo que não teve posteriormente motivos para se arrepender, porque augmentou consideravelmente a sua já grande fortuna. Os navios por elle armados, em consequencia d'esse privilegio, descobriram uma porção da costa desde a Serra Leôa até ao cabo Lopes, isto é, toda a costa do golpho da Guiné.

Seguiu-se a expedição de Diogo Cão, já no reinado do Principe Perfeito, que fizera voltar para a corda o privilegio de armar navios para os descobrimentos e mandára construir a fortaleza de S. Jorge da Mina, a segunda que os portuguezes levantaram nas terras descobertas. Diogo Cão seguiu a exploração da costa africana e descobriu o Rio Zaire ou Congo, navegando por elle acima e travando relações com os indigenas. Regressou a Portugal e no



Marinha de guerra portugueza — A tripulação do «Espadarte»

(Phot. de ...)

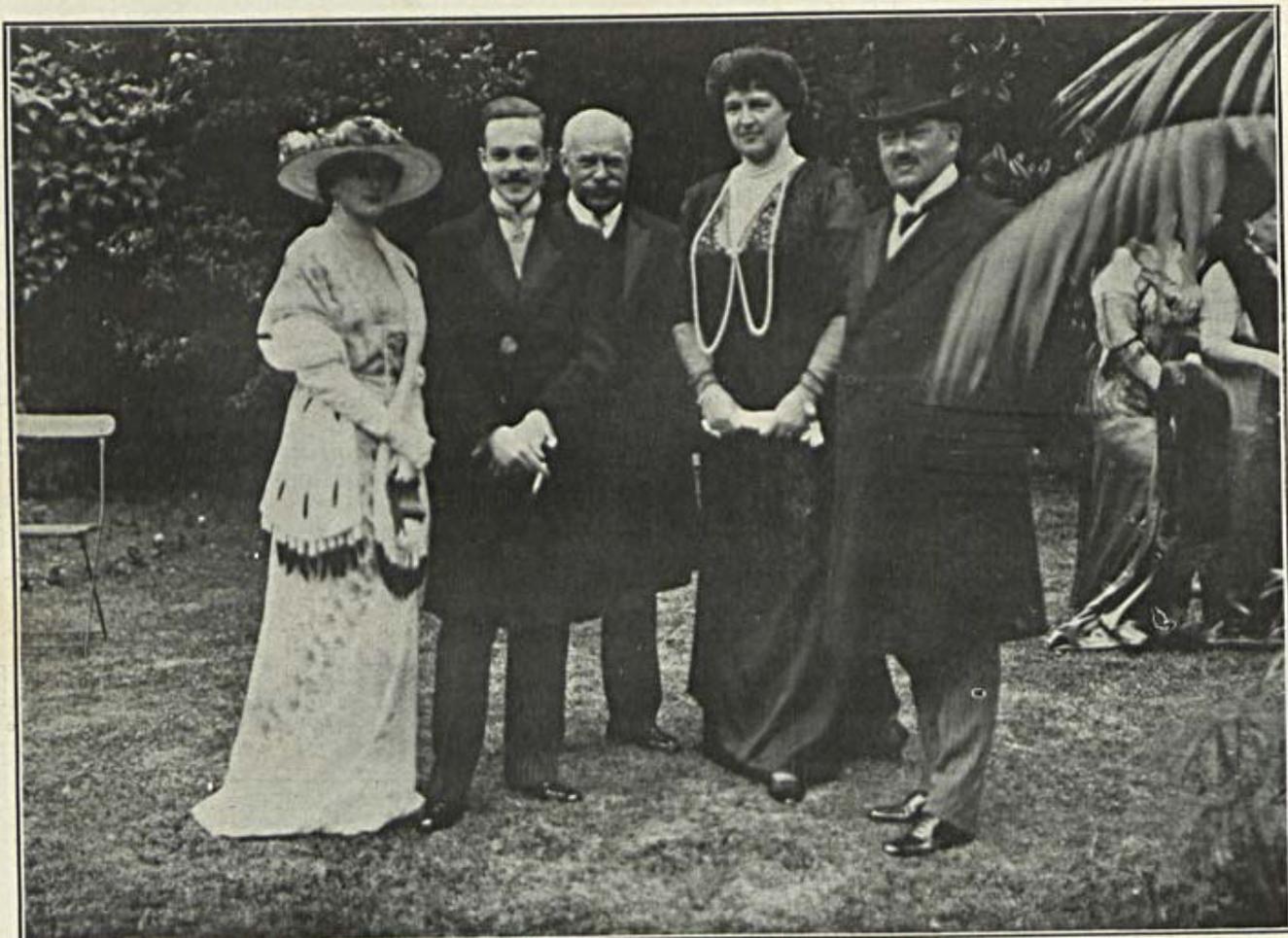
anno seguinte, voltando ao Zaire, seguiu pela costa mais umas 200 leguas para o sul. Estava-se em vespas do grande acontecimento, da resolução pratica do problema de que dependia alcançar-se ou não o objectivo ha tantos annos alvejado — saber se o continente africano permittiria pelo sul passagem para a India, ou se continuaria até ao pólo, offerecendo uma barreira infranqueavel. Coube essa gloria ao intrepido marinheiro Bartholomeu Dias cujo nome tem sido injustamente ofuscado pelo exito brilhante de Vasco da Gama, para o qual, de resto, elle concorreu mais que ninguém. Partindo de Lisboa com duas caravellas e uma naveta com mantimentos, em agosto de 1486, seguiu Bartholomeu Dias a exploração da costa africana desde o ultimo ponto em que tocára Diogo Cão, até que, perto do Cabo da Boa Esperança, cuja proximidade elle nem sequer suspeitava, foi acochado por um violento

tos rogos conseguiu Bartholomeu Dias que lhe permitissem navegar mais dois ou tres dias, chegando ao rio a que chamou do Infante, do nome do capitão da outra caravella. O caminho do regresso foi para o illustre marinheiro um calvario e a caravella uma cruz a que a sua tripulação o amarrou, crucificando-o moralmente. Ter estado no caminho da India e ser forçado a virar-lhe as costas!...

Na volta avistou pela primeira vez o grande cabo a que poz o nome das Tormentas, mais tarde mudado para o de Boa Esperança por D. João II. Tinham decorrido 53 annos desde que fóra dobrado o cabo Bojador e 69 desde a partida dos primeiros navios do Infante D. Henrique.

Os descobrimentos proseguiram na realidade muito lentamente. Parecia que agora, aberto o caminho, a India seria immediata-

No exilio



Da esquerda para a direita:—Sua Alteza a Princesa Victoria de Hohenzollern, seu futuro esposo o Senhor D. Manuel, o Senhor D. Affonso, a Senhora D. Amelia e o futuro sogro do Senhor D. Manuel

temporal que o obrigou a correr para o sul, perdendo a terra de vista. Treze dias andaram as duas caravellas á matroca, com risco de se afundarem, e as tripulações com a morte deante dos olhos. Abonanzando o tempo, Bartholomeu Dias fez rumo para leste afim de encontrar a costa, mas qual não foi o seu espanto, ou antes, a sua alegria, não vendo apparecer a terra, quando pelos seus calculos devia tel-a já encontrado. Se a costa não apparecia era evidentemente porque o continente africano tinha terminado e não chegava ao pólo sul; logo era possivel ir por mar até á India. Bartholomeu Dias fez então rumo ao norte e poucos dias depois encontrava-se realmente na costa sul oriental de Africa. Deante d'elle estava livre o caminho da India; porque não seguiria para deante? Foi o que fez, continuando a navegar ao longo da costa até a um ilhéu a que poz o nome de ilhéu da Cruz. Nome symbolico. Querendo proseguir o seu caminho, as tripulações revoltaram-se e impozeram-lhe o regresso. Tripulações recrutadas um pouco *à la diable*, um tanto ou quanto cosmopolitas, que lhes importava a gloria de Portugal? O terror predominava e só a mui-

mente demandada. Mas não; decorreram nove annos sem que nenhuma expedição partisse com esse fim. Faziam-se aprestos, é certo, mas tudo corria vagarosamente. Nem se sabia quem seria o commandante da futura expedição. Talvez Bartholomeu Dias; tinha ganho bem essa honra. Não succedeu porém assim. O intrepido marinheiro, cumprida a sua gloriosa tarefa, desappareceu da scena para só reaparecer 13 annos mais tarde, em situação subalterna, na esquadra de Pedro Alvaros Cabral, afim de receber o castigo do Gigante.

*«Aqui espero ltrar se não me engano
De quem me descobriu suma vingança.»*

Bartholomeu Dias encontrou a morte nas aguas do cabo que descobrira, tendo sossobrado o seu navio acoitado por medonho temporal.

D. João II morrera e subira ao throno D. Manuel, cujo primeiro cuidado foi apressar a partida da expedição que devia de-

mandar a Índia. Confiou o commando a um fidalgo chamado Vasco da Gama, não se sabe bem porquê, mas certo é que os factos posteriores provaram que a escolha tinha sido muito acertada. Foi a 7 de julho de 1497 que largou do Tejo a expedição composta das naus *S. Gabriel* e *S. Raphael*, da caravella *Berrio* e d'um pequeno navio com mantimentos. Vasco da Gama commandava a primeira, seu irmão Paulo da Gama a segunda e Nicolau Coelho a *Berrio*. Não se imagine que essas naus eram grandes navios; de bello aspecto, graciosos, donairosos mesmo, eram todavia muito pequenos, de 120 toneis apenas. Depois de tocar em S. Thiago de Cabo Verde, a esquadra fez rumo para o mar largo, dando vista de terra só tres mezes depois, fundeando na angra de Santa Helena, d'onde suspendeu a 16 de novembro, dobrando o cabo da Boa Esperança a 22 e fundeando tres dias depois na bahia de S. Braz, onde Vasco

Nicolau Coelho teve, porém, denuncia, do conluio e pôde communicar-a a Vasco da Gama e este, percebendo que era necessario parar o golpe com um acto de energia e audacia, chamou á sua camara os pilotos, pediu-lhes a sua opinião sobre o que haveria a fazer, e, como elles se pronunciassem pelo regresso ao reino, fez lavrar d'isso o competente auto, mandando em seguida pôl-os todos a ferros. Pegou depois em todos os instrumentos de navegação que os pilotos tinham trazido, por ordem sua, e atirou-os ao mar deante da sua tripulação á qual disse: «D'aqui em deante só Deus é mestre e piloto. A elle vos encomendae e pedi misericordia, porque eu não hei-de arribar emquanto não encontrar o que vim buscar.»

A marujada curvou a cabeça submissa e a esquadra seguiu o seu caminho, descobrindo a 25 de dezembro a costa do Natal, a



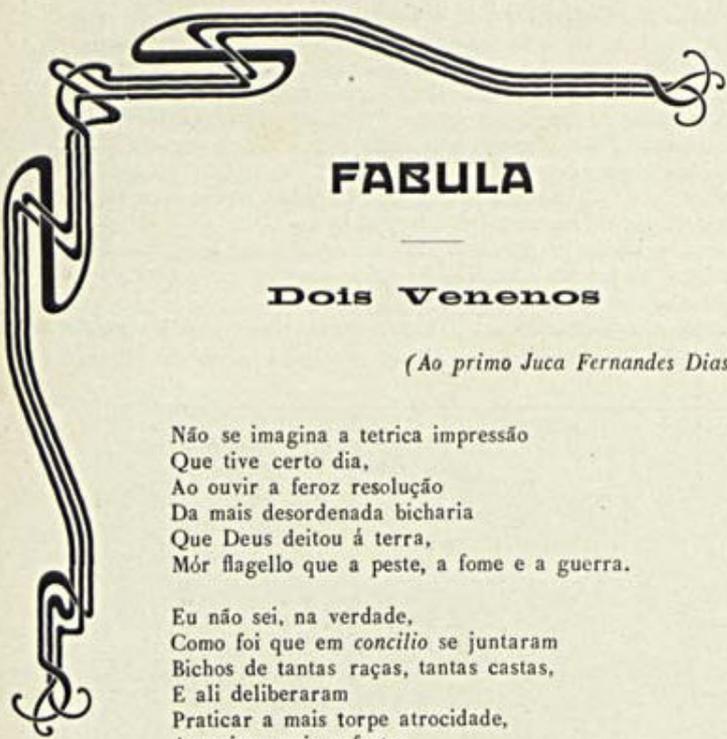
NO EXILIO — «Garden-party» realisada em Abercorn, Richmond, para apresentação dos portuguezes a Sua Alteza a Princesa de Hohenzollern

Da esquerda para a direita: — O sr. Marquez de Soveral, o Senhor D. Manuel, a Senhora D. Amelia, o sr. Almeida Azevedo, as sr.^{as} Condessas de Figueiró e de Sabugosa, Sua Alteza a Princesa Victoria e os srs. Azevedo Coutinho e Conde de Sabugosa

da Gama mandou queimar o barco dos mantimentos. Até ahí, a não serem as usuas contrariedades da navegação e o episodio de Fernão Velloso na angra de Santa Helena, nada houve de notavel. A passagem do temeroso cabo fez-se com bom tempo.

As difficuldades começaram, desde que a esquadra perdeu de vista o ultimo ponto em que tocara Bartholomeu Dias. O terror dominava as tripulações de Vasco da Gama, como succedera ás d'aquelle intrepido marinheiro, e a ideia da revolta passou-lhes pelos cerebros, conluindo-se a tripulação da *Berrio* que apenas esperava occasião favoravel de communicar o intento ás tripulações das naus para todas juntas se imporem ao capitão-mór. O Mar Indico, além d'isso, recebera-os mal. Vendavaes, calmarias, balanços terriveis que fizeram rebentar varias pipas de agua, a qual porisso começou a escassear, fortes correntes que fizeram andar os navios tanto para tras que tornaram a encontrar-se em frente do ilhéu da Cruz, tudo era de molde a impressionar os cerebros rudes da marujada ignorante

10 de janeiro o rio do Cobre e a Terra da Boa Gente que parece ter sido a que hoje se chama Inhambane, a 22 o rio dos Bons Signaes (Quelimane) e a 2 de março o porto de Moçambique, onde encontraram os primeiros commerciantes arabes, que logo farejaram nos portuguezes terriveis concorrentes cuja chegada á Índia era necessario impedir a todo o custo. Aqui começaram pois os precalços que por vezes pozeram em risco imminente a sorte da expedição, mas dos quaes Vasco da Gama, com a sua energia e sagacidade, sempre se sabiu bem. Já em Moçambique teve que repellir hostilidades dos mouros, e levando d'ali um piloto, chegou no dia 1 de abril a uma ilha que o piloto lhe affirmava ser ferra firme. Vasco da Gama mandou-o açoitar e á ilha poz o nome de Açoitado. Em Quilóa salvou-se por acaso de nova traição do piloto e do mesmo modo em Mombaça. A 14 de abril chegou a esquadra a Melinde e ahí teve um acolhimento leal. O *cheick* forneceu-lhe um piloto e a 17 de maio avistava Vasco da Gama a terra da Índia, fundeando no dia 20 em Calicut. (Continúa.)



FABULA

Dois Venenos

(Ao primo Juca Fernandes Dias)

Não se imagina a tetrica impressão
Que tive certo dia,
Ao ouvir a feroz resolução
Da mais desordenada bicharia
Que Deus deitou á terra,
Mór flagello que a peste, a fome e a guerra.

Eu não sei, na verdade,
Como foi que em *concilio* se juntaram
Bichos de tantas raças, tantas castas,
E ali deliberaram
Praticar a mais torpe atrocidade,
As coisas mais nefastas,
Das que até nossos dias praticaram.

Queriam esses bichos, nada mais
Que a atroz brutalidade,
De extinguir d'uma vez a humanidade
P'ra serem reis do mundo os animaes.

Resolução foi esta
Tão forte e tão intensa,
Que havendo ali bem perto uma capella
Em festa,
E ao redor della
A multidão immensa,

Tentaram logo dar começo á obra.
E vae uma serpente
Enorme e odiosa,
Chama por uma cobra
Pequena e venenosa,
E sabiamente
A instrue d'esta sorte :

— «A nossa empresa
Tu já sabes qual é : Guerra de morte
A essa mesquinha gente
Que vive na jactancia de mais forte.
E' uma lucta acceza
Descommunal
Mas hemos de vencer.
Tu, corre agora ali ao arraial
E cumpre o teu dever.
Rastejas, pequenina, tal como és
Por entre os scelerados
Sem que elles te divisem.
Cautella com os pés,
Vê lá que não te pisem
Que os brutos são ferrados.
O teu veneno é rapido, conciso.
Dás só uma picada, embora leve,
Que a agonia do typo será breve
E assim é que é preciso.
Em duas horas podes, á vontade,
Se tu quizeres,
Elevar essa justa mortandade
A quinhentos, entre homens e mulheres.
Agora parte que são horas, filha,
E volta triumphante.
Desvasta, por quem és, essa matilha
Hypocrita e farçante.» —

— Senhora! — a outra diz — Quanto me é doce
Cumprindo o meu dever
Seguir honrosamente o meu caminho!
Hei nisso tal prazer,
Que vou como se fosse
Encantar e atrahir um passarinho.

E foi! Do que então fez, eis o que eu sei:
Passara um quarto d'hora
Se tanto,
Echôa um grito pela mata a fóra ;
«Ai que me envenenei»
E a misera apparece
Em convulsivo pranto.
Tal horror foi, que nunca mais me esquece.
Cortava o coração,
Que ouvir chorar, senhores, penalisa.
E então,
A cobra, coitadinha, vinha aos saltos
Tão altos,
Quaes d'uma pythonisa.

A pena não traduz
As convulsões sinistras, pavorosas,
O aspecto taciturno de tal scena.
Ao derredor as outras, silenciosas.
E ella só: — «Ai Jesus! Ai meu Jesus!»
Fazia pena.

Chamado a toda a pressa,
Chega um cascavel, optimo doutor,
De um enorme saber medicinal.
E franzindo o sobr'olho diz: — «Hom'essa!
Conte-me lá. Quem foi o causador
De tão intenso mal?» —
— «Pois sim, doutor, direi» —
— Responde a desgraçada —
«Eu ia ali pertinho ao arraial,
P'ra ver uma empreitada que tomei
Num compromisso real.
Logo ao chegar á estrada,
Que vejo ?
A' beira d'um vallado,
De bocca aberta e com a lingua ao leu
Um homem estirado
A dormir e a roncar.
Vae eu,
Tive o desejo
De o ir picar
Na lingua justamente.
Nem quiz perder o ensejo
Nem pude resistir
A' grande tentação.
Piquei-lhe a lingua, sim! Mas de repente
Comecei a sentir
Um *qué* no coração,
Um fogo dentro em mim,
Um tal calor,
Que horror,
Que eu mesma já não sei como é que vim.

— «E o homem, afinal, arrebentou?» —

— «O homem, meu doutor,
Nem accordou.
Apenas se mexeu
P'ra se voltar,
E depois continuou
A dormir e a roncar.
Ai... doutor... que lá vou eu...
.....
Que eu... sinto-me a... estalar» —
.....
Seguiram-se momentos
De doidas convulsões,
De vivos soffrimentos,
E rebentou... morreu!...

Deante do cadaver, o doutor
Doido de impressões,
Domado pela dôr,
Assim fallou :

— «Senhores: a evidencia
Nos demonstrou,
Que não ha sciencia
Nem venenos que domem
O veneno lançado
Pela lingua do homem.
Isto é caso provado!
E o que ora tão somente lhes imploro,
— Attendam bem —
E' que vocês jamais piquem alguém,
Pois que todos distillam ruim veneno
Por cada poro.
Lembrem-se do que outr'ora elles fizeram
Ao proprio Nazareno,
E os martyrios atrozes que lhe deram.
Saibam portanto que de qualquer sorte
Lhes falta segurança,
E vão expor-se á morte.
Não quer isto dizer
Que eu afinal deteste
O prazer da vingança.
E' que, a meu ver,

A lucta contra o homem,
E' como quem luctasse contra a peste,
Uma loucura,
Uma tolíce propria de creança.
Sendo assim eu espero
Que o meu conselho tomem
E o sigam tal qual,
Pois é sincero:
*Para evitar o mal,
Basta evitar o homem :*

Deu-nos provas cabaes, este doutor,
De uma grande experiencia
Em tal dizer.
Pois entre nós não ha, seja quem for,
Que allie assim a um tão vasto saber,
Tão justo pessimismo e tal prudencia.

Bahia, 15-11-912.

J. A.

A questão do Oriente

A guerra entre os estados balkanicos



O rei Carlos da Romania e o seu estado maior analysando um mappa da campanha

Os nossos artistas

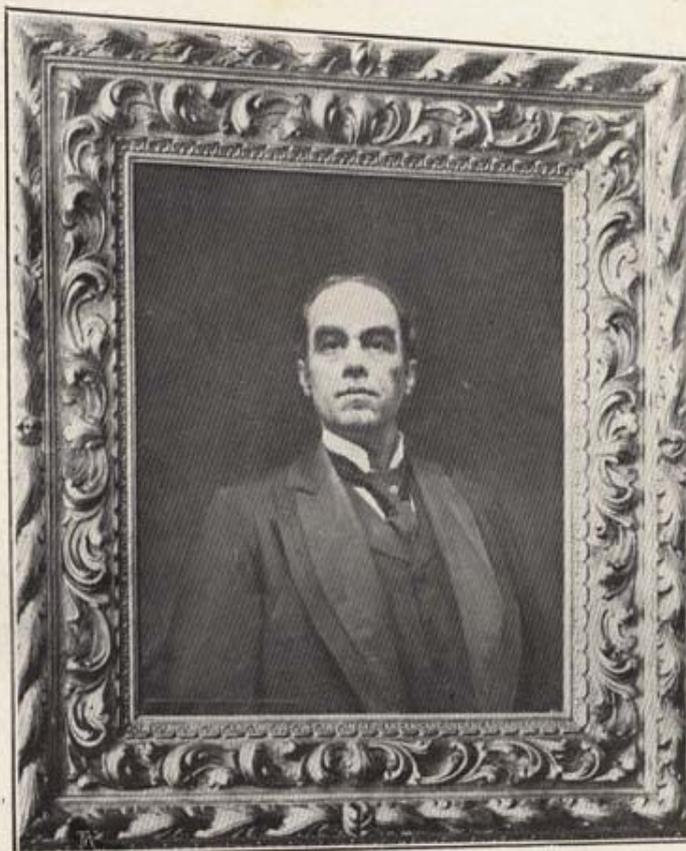
O sr. dr. Antonio Candido

ESCREVI algures que Antonio Candido, — é assim que todo o Portugal lhe chama — era um dos mais notaveis oradores da Peninsula.

Esta affirmativa é incontestavel. A arte de bem fallar, de exprimir concisamente o pensamento, transmittindo á voz o calor do coração e as convicções da alma, é mais difficil de conseguir do que todas as outras: direi mesmo que é impossivel, quando a natureza não tenha prodigalizado á criatura alma e voz, duas condições forçosas para se poder ser eloquente.

Por isso os oradores celebres são raros.

Antonio Candido, tão distincto orador academico como politico, tem todos os attributos necessarios para arrebatrar as multidões que o escutam. Podia, pela sua eloquencia, ser um arrastador de turbas, se o seu culto e sensibilissimo espirito não considerasse cons-



Retrato do dr. Antonio Candido
(Quadro do pintor Saigado)



O dr. Antonio Candido no escriptorio da sua casa em Lisboa

cienciosamente o valor e as responsabilidades da palavra, e não tivesse para si que o mister de quem sobe á tribuna para fallar é diffundir o bem, e nunca alentar o mal.

Oiçamos o que, a proposito da eloquencia, elle disse n'um dos seus mais notaveis discursos:

«A eloquencia, meus senhores, tem na sua historia muita luz e grandes sombras, triumphos gloriosos para a verdade e para o bem, a par de enormes maleficios de todo o genero. Se Deus m'a tivesse concedido (não m'a concedeu infelizmente), eu não lhe pediria que ella tivesse a força magnetica que agita e arrasta os auditorios, nem o raio certo que fulmina as tyrannias, nem o esplendor que fascina e deslumbra as multidões, nem o dom dominador e supremo que nas revoluções populares, e no momento mais perigoso, as serena, as inspira, as ordena e as encaminha. Pedir-lhe-ia antes que lhe emprestasse a efficacia precisa para adormentar as dores humanas, para fazer a saude d'alma no interior agitado e revoltado das

assembléas que me escutassem, para reduzir a porção de mal effectivo que existe no mundo, para, como a lyra d'Orpheo ou a harpa de David, levar após si, suavemente, os corações e os espiritos no magico enlevo que a fabula e a Biblia lhes attribuem.»

Antonio Candido, como os leitores vêem, é, além d'um espirito superior, um bom, e, além d'um bom, um sensitivo ou um poeta, como melhor lhe queiram chamar.

Muitos dos seus discursos foram improvisados e saíram-lhe tão espontaneos e perfectos, que os que, sem prevenção, o escutavam, julgavam-os meditados no silencio remansoso do seu gabinete de estudo. Mas, o que é mais curioso ainda, conservava d'elles perfeita memoria, até das minimas palavras, emquanto os não trasladava ao papel.

Na sua prosa, colorida, vigorosa e quente, predomina a nota suave da poesia, que se patenteia no recorte da phrase, na expressão delicada do sentir, na tenuissima e involuntaria tristeza que, a espaços, aflora o seu singelo e majestoso dizer.

Se elle é poeta!

Vejam-n'o e admirem-n'o n'esta apaixonada descripção da terra que lhe foi berço:

«Sucedem-se em tamanha extensão os elevados montes alternando com fundos valles; são tão bellas as nossas varzeas com as suas louras cearas moveiças, ondeantes; são tão bastos e ricos os nossos milhares de verde intenso, e tão pittorescos com as suas ribeiras complicadas ou com as suas largas ramadas de grata e aprazível sombra; ha tanta luz no ceu, tanto mysterio e sonho nos arvoredos; a natureza, geralmente rude, sorri com tanta graça na sua florescencia espontanea, sem selecção nem cultura... que se comprehende bem o amor, a paixão, o exaltado fanatismo que nós, os d'aqui, sentimos por esta terra onde tivemos o berço e onde queremos a sepultura.»

N'este mesmo discurso, mais adiante, atribue a influencias regionaes as qualidades que o distinguem, bem como aos seus patricios:

«A nossa psychologia é, sob muitos aspectos, nobre, interessante e característica. O nosso sentir profundo reveste, na sua forma exterior, grande moderação e sobriedade; somos geralmente mais tristes do que alegres...»

Deve-se esta feição peculiar do nosso genio á acção lenta da grandiosa natureza que por todos os lados nos circunda? Ou será devida á influencia atavica d'alguma das raças distantes, que se fundiram no primitivo nucleo d'esta povoação antiquissima?»

«Não sei.»

A estas qualidades poderia o eminente orador juntar a ponderação, um dos seus mais vincados attributos.

Nos discursos politicos, a sua forma é talvez ainda mais concisa. Despe-se de efeitos de rhetorica, é d'uma limpidez estranha, e tem uma pontinha de ironia graciosa e inoffensiva, que deve ser

uma cruel tortura para o adversario. A palavra, emitida com brilho e certeza, toca o adversario onde o raciocinio premeditou; mas, generosamente, nunca abusou da victoria, nem se deixou cegar pelos apoiados e applausos merecidos. Quem ler os seus discursos politicos, hoje, que já estão esquecidas muitas circumstancias de occasião e perdas muitas referencias de que a memoria não conserva as causas nem os effectos, não pode deixar de reconhecer que elles são ainda brilhantissimos e nolo mostram um gigante de eloquencia.

Que seria Antonio Candido na Alemanha ou em Inglaterra?

Ah! Portugal tem ainda homens de estranho valor. As condições do nosso atrazado e pobre meio é que lhes não são favoraveis. Não temos que invejar aos estrangeiros, quando olhamos conscienciosamente em redor de nós.

Vemos que, apesar dos recursos educativos e instructivos serem



A sala da casa do dr. Antonio Candido em Lisboa



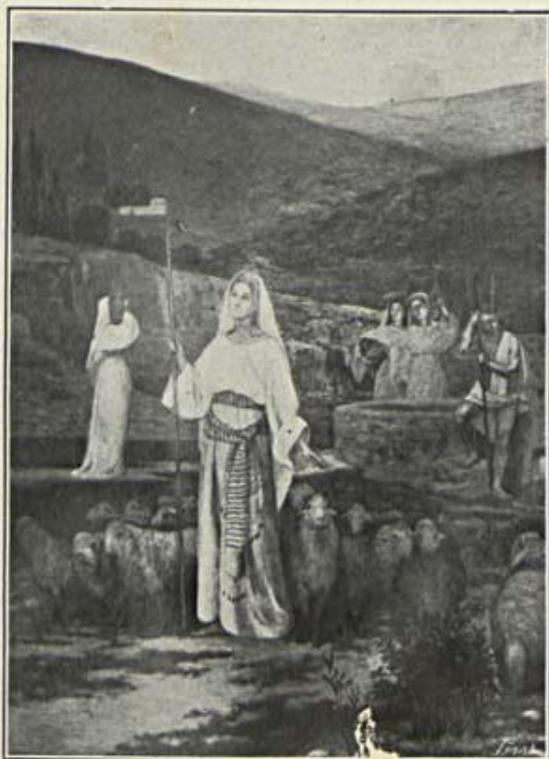
Busto do dr. Antonio Candido
(Trabalho do distincto escultor Thomaz Costa)

(Phot. de A. C. Lima)

tão diferentes, os homens que representam as nossas glorias nacionais seriam glorias entre as maiores dos outros paizes. Isto consola o nosso coração e o nosso orgulho de portuguezes.

Vivendo Antonio Candido modestamente retirado, nem por isso esquece. Costuma dizer-se que todos os homens de valor têm inimigos: elle é uma excepção.

Todos o estimam, sejam quaes forem as suas côres politicas, e todos respeitam as suas convicções, porque as sabem sinceras.



Os nossos artistas — Quadro, que ornamenta a sala de espera do dr. Antonio Candido, em que o pintor portuense Antonio Carneiro apresenta o encontro de Rachel e Jacob á beira do poço.

(Phot. de A. C. Lima)

Ha dias, um notavel republicano, entrando em minha casa e encontrando-me a lêr um discurso do insigne orador, teve esta phrase dita com sentido entusiasmo:

—O Antonio Candido! E' uma delicia ouvi-lo. Quando falava em Coimbra nunca perdi occasião de o escutar. V. não imagina o que é. Estava alli sentado, como os outros: mas, mal ia começar a fallar, parecia-nos a todos que o seu vulto crescia, o rosto transfigurava-se-lhe e a palavra sahia-lhe com tal vigor que, uma vez ouvida, não esquecia mais. Insinuava-se no espirito e era um verdadeiro deleite para a alma. Os homens assim não deviam nunca emmudecer: é uma grande perda para todos nós.

Concordando com o meu intelligente interlocutor, citei-lhe de memoria o sentido do periodo que transcrevo:

«Estou velho: mais velho do que pareço, e não pareço pouco; e, em cada dia que passa, augmenta o meu terror da tribuna, o meu quasi invencivel receio de a não occupar dignamente.

«Na hora difficil que atravessamos, só merece occupal-a quem tem verdades uteis a dizer.»

«O mundo está cheio de palavras. O som confuso, o enorme ruido que ellas fazem, perturba, desgosta e cança.

«No nominalismo tumultuoso, que é o caracteristico do nosso tempo, a logica não se percebe, a ordem não se distingue, perde-se o prestigio das palavras, menospresa-se e malbarata-se o decoro das pessoas. E é talvez por isso que do presente abala tanto espirito a procurar as formulas simples e claras do passado, do passado que já não volta, ou se lança aventurosamente no futuro, onde a imaginação cria refugios, talvez só feitos de sonho e de chimera...

«O mundo está cheio de palavras. Para que accrescentar mais notas ao barulho desafinado e ensurdecador que se faz no mundo?!

«Falla-se muito; medita-se pouco. E só a meditação é fecunda; e, porque ella falta, andam muitos cerebros desorientados, muitos corações sem rumo certo, os ouvidos cheios da vozeria dos sons, as consciencias vazias de noções e de leis.»

Isto dizia o eloquente academico em 16 de agosto de 1908. Desde então para cá, a situação, que elle tão bem pinta, não melhorou.

As aguias preferem chegar-se ás visinhanças do Marão, onde os ares são puros e a atmosphaera está limpa das nuvens negras que se accumulam na cidade, onde o esphacelamento social é espectáculo triste para aquelles que do coração querem a esta triste terra portuguesa, tão bella e luminosa quanto os seus filhos são levianos e frivolos.

Ainda umas palavras:

Foi-me dado o prazer de ouvir o illustre academico lêr a introdução que recentemente escreveu para o poema-dramatico *D. Pedro* do meu fallecido mestre, José Maria de Sousa Monteiro. Das raras pessoas que assistiram ao goso espirital de tão interessante leitura, estou que nenhuma a poderá esquecer. Por mim, confesso que, junto á commovida gratidão pelas justas e amigas palavras, que são para a modesta campá do auctor dos *Amôres de Julia* a melhor corôa de saudade e gloria, conservo no espirito a forte impressão que me causou a voz de Antonio Candido evocando com fraterno e saudoso affecto essa noite do passado, tão feliz para Sousa Monteiro.

Um unico desejo expresso ao fechar este artigo: é que se dê um dever de consciencia ou um impulso de sentimento, que o force a romper a mudez que nos priva do grato prazer de o applaudir. Eram estes dois casos que o illustre academico resalvava no final do soberbo discurso que mais d'uma vez citei.

Pois que venha um impulso de caridade, d'estes a que se não resiste, a favor de qualquer miseria a minorar, e nos dê, em palavras de oiro, um goso de espirito, que para os pobres se transforme em conforto e pão. São os meus votos.

MARIA O'NEILL.

O homem que toma a vida a serio e emprega a sua actividade num fim generoso, eis o homem religioso; o homem frivolo, superficial, sem alta moralidade, eis o impio.

RENAN.

DUELLO



Uma das phases do duello entre os srs. conde de Monte Real e dr. Alvaro dos Reis Torgal

(Phot. de ***)

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XII

AQUEM E ALÉM-MAR

Um nobre alvitre—Muses de theatro—Os grandes artistas de Portugal e do Brasil

MORREU ha dias em Lisboa a viuva de Taborda, o grande actor portuguez, e o desaparecimento dessa velhinha, que só achava desafogo para os seus prantos e lenitivo para as suas saudades revendo a todas as horas os objectos que haviam constituido os trophéos de gloria de seu chorado marido, trouxe á tela do jornalismo portuguez um alvitre, que por todos os titulos devia ser convertido em realidade. E' o da instituição de um museu de theatro.

Em geral os grandes artistas theatraes de todos os paizes conservam, até ao dia em que morrem, os brindes, as lembranças, valiosas umas, carinhosas outras, com que os publicos saudaram o seu genio e a sua arte, pondo na fôrma material de uma dádiva toda a admiração pelas manifestações do talento suggestivo, todo o reconhecimento pelas horas do sentir intenso ante a exhibição da arte, que, mais do que a natureza que ella imita, consegue por vezes arrancar lagrimas ou gargalhadas aos mais indifferentes, aos mais refractarios. Fallam alto essas recordações que, atravez do tempo, perpetuam os nomes dos artistas laureados e queridos, vincando-os bem na saudade dos que mais os conheceram e applaudiram, ou lançando-os mais profundamente no espirito das gerações que lhes succedem.

Deste alto ponto de vista, deste intuito, ao mesmo tempo artistico e patriótico, nasceu em Lisboa a idéa, que o jornal que a expendeu advogou com brilho, da criação de um museu theatral.

Esse museu não seria só constituido pelos objectos offerecidos em vida aos grandes artistas comicos ou dramaticos. Teria uma amplitude mais vasta e significativa. Seria formado tambem por tudo quanto revelasse o culto de cada um delles, os seus proprios objectos, parcellas de vestuarios historicos ou modernos, com que nas grandes obras de arte tivessem representado os seus papeis ante o publico do seu paiz ou os publicos estrangeiros, e até os pequeninos nadas que na sua quota parte houvessem contribuido para o exito da criação artistica, para a caracterisação da figura, para o triumpho alcançado.

Mas, ainda mais do que isso, faria parte desse museu uma galeria de retratos dos melhores artistas nacionaes de todos os tempos, sendo preferivel apresental-os nos trajos de theatro que tivessem usado na apresentação das principaes personagens.

E, bem mais do que isso tudo, esse museu seria uma escola para seguir, um modelo para copiar, um repositorio para estudo. Se o fim capital do theatro é educar, o seu museu seria, por assim dizer, o prolongamento do seu tablado. O palco daria a impressão de chofre, a sensação momentanea, que o museu fixaria e, melhor ainda, ampliaria. O que lá, atravez do palco, se aperceberia de subito, mas ephemeramente, atravez do olhar investigador, do exame ponderado, reter-se-ia, na lenta contemplação do museu theatral. E elle se transformaria desta fôrma numa escola de arte, porque abrangendo tudo o que ao theatro pertence, nem sequer lhe deviam faltar *croquis* de peças e de disposição theatral, trechos de scenario em que a Historia, a Architectura antiga ou moderna vissem, especimenes decorativos, phases de civilisação, que levassem a todos os espiritos a sensação da plastica, a impressão da esthetica.

A indumentaria, a arte de guarnecer, de vestir, toda a sciencia do mobiliario, e em summa todas as artes inherentes, teriam nesse museu educativo a sua exhibição permanente, que seria lição preciosa e utilissima a quantos quizessem cultivar o espirito com estes variados ramos dos conhecimentos humanos, em que as Bellas Artes occupam o logar primacial.

No que respeita a actores e actrizes de nomeada, cuja memoria e cujas reliquias devessem figurar num museu portuguez, é

justo confessar que não pôde ser mais vasta, nem mais abundante a galeria. Emilia das Neves, a linda Emilia, a tragica admirada pela Ristori, emfim, a maior actriz portugueza de todos os tempos, e o Tasso, o extraordinario artista dramatico, e o pae Rosa, que no «Morgado de Fafe», que no «Marquez de La Seiglière» teve ha tantas dezenas de annos a previsão segura de como nos theatros modelares se representa no nosso tempo, e que pôde contar entre as suas obras primas, gloria da sua paternidade, os dous filhos illustres, João e Augusto, que deixou no theatro, para perpetuarem o nome delle e engrandecerem o proprio, e Emilia Adelaide — visto que só dos mortos estou tratando para não offender alguns dos vivos — a admiravel creadora da «Morgadinha de Val-flor», e o Santos Pitorra, que foi no seu tempo o actor portuguez mais scintillante, aperfeiçoado e completo, e o Taborda, o grande Taborda, o mais humano, o mais comico, o mais naturalista de quantos artistas que do nada sahiram — Taborda fôra um humilde typographo — passaram gloriosamente pelo theatro portuguez, e n'elle deixaram um eterno clarão, e a Esther, e o genial Antonio Pedro, e Emilia Candida, todos, todos esses luminares da sua arte, glorias vivas da sua época, deviam nesse muzeu perpetuar-se pelas recordações que tivessem deixado e avivar a sua memoria de geração em geração.

Não é tão abundante nos artistas de vulto a galeria brasileira. Mas se fosse extensivo ao Brasil o alvitre agora lançado em Portugal, se o Rio de Janeiro pensasse, agora ou mais tarde, em instituir um museu de arte theatral, para justificar-o, para honral-o, tres nomes lhe bastavam: João Caetano, Ismenia dos Santos e Vasques.

João Caetano era um genio, o maior que tem illuminado a scena brasileira. Captivavam-no de preferencia as grandes figuras dramaticas ou tragicas, e n'ellas alcançou as suas maiores ovações. O *Othello*, o *Hamlet*, o *Captivo de Fez*, o *Kean*, o *Cesar de Bazarán*, foram creações suas, foram admiraveis manifestações de faculdades poderosas. O theatro de S. Pedro foi o theatro dos seus triumphos, consagrados mais tarde pela população do Rio de Janeiro, que em grande massa acompanhou o cadaver do extraordinario artista ao cemiterio de Catumby e mais tarde lhe ergueu uma estatua em bronze.

Como elle tambem, Ismenia dos Santos timbrou sempre em arcar as maiores responsabilidades, em interpretar as mais difficeis personagens dramaticas. Hombrear com a Ristori, com a Duse, com a Emilia das Neves, com a Sarah Bernhardt, com a Pezzane, com a Lucinda, foi sempre a preocupação mais anhelante do seu espirito, que não raro converteu em realidade. Por isso lhe crearam fama os seus desempenhos da *Judia*, da *Dama das Camélias*, da *Morgadinha*, da *Froufou*, da *Estatua de Carne*, da *Naná* e de tantas outras que lhe deram um logar de destaque na primeira plana das celebridades artisticas.

Vasques era o actor comico por excellencia e o mais popular de todos, no Brasil. Elle era aqui o que era o Taborda em Portugal, e taes affinidades havia entre esses dous homens, que até a morte do primeiro mantiveram uma dedicada e inalteravel amizade.

Na primeira mocidade tiveram ambos por mestre Emilio Doux, no Brasil eram inseparaveis o Taborda e o Vasques e cada um ria a bandeiras despregadas, como qualquer dos mais ingenuos espectadores, quando via representar o outro. O dia em que um cancro victimou o Vasques foi um dia de luto para a alegria nacional, um dia de luto para a arte brasileira.

Aqui têm tres nomes que no Muzeu do Theatro Brasileiro seriam divisas e marcariam épocas.

Os seus retratos nas diversas personagens, os objectos principaes que lhes fossem offertados, ou os que tivessem constituido o seu culto, lembranças queridas, reliquias da sua existencia de artistas, teriam um logar assignalado nesse muzeu, onde os nacionaes renderiam agradecido preito á sua memoria e os estrangeiros aprenderiam que houve arte no Brasil e que foram brasileiros os que a serviram com extremado amor e a cultivaram com brilho intenso.

Rio — Junho, 1913.

JAYME VICTOR.

Viajar é bom, não só porque dilata as idéas, mas sobretudo porque abate o amor proprio.

SAINTE-BEUVE.

POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXIV

Pormenores do crime

O caso mais sensacional dos ultimos tempos, foi o imaginario attentado do imaginario assassino Cunha Neves, enviado pelos *comités* monarchicos para matar o sr. dr. Affonso Costa. Os leitores conhecem decerto o que se passou para que seja necessario repetil'o. Isto mesmo: o homem appareceu na estação de Santarem para tomar o comboio em que seguia o chefe do governo, e o sr. governador civil d'aquelle districto mandou-o prender. Revistado pela policia, foi-lhe aprehendido um limpa-unhas e um bilhete do sr. dr. Bernardino Machado apresentando o portador ao sr. dr. Affonso Costa. O chapéu de chuva que o Cunha Neves levava no acto da captura, tambem mereceu demorada investigação policial.

Todos estes pormenores constituem os pontos principaes do grande e «órrivel» crime que esteve para ser praticado... não se sabe como!

A policia tem estado impenetravel sobre o caso, e todas as tentativas dos *reporters* para desvendár a recambolosa farça tem sido baldadas. Como praticaria o Cunha Neves o attentado?

Com o limpa-unhas?

Com o cartão do sr. dr. Bernardino?

Com o chapéu de chuva?

A' dentada?

A murro?

A coice?

São estas as perguntas que todos fazem, sem encontrar resposta satisfactoria. Poder responder a todas essas interrogações seria uma victoria jornalística!

Esta ideia tentou-nos. E se nós conseguissemos informar em primeira mão os leitores do *Brasil-Portugal* sobre o mysterioso crime!? Se lhes pudéssemos offerer um relato minucioso da tragedia que se devia ter desenrolado se o Cunha Neves tivesse posto em pratica os seus suppostos intuitos sanguinarios?!

Cheios d'ambição por mais esse naco de gloria profissional, mettemos hombros á difficilissima empreza. E como avistarmos-nos com o Cunha Neves seria completamente impossivel, visto este ainda na presente occasião se encontrar incommunicavel, traçámos então o seguinte plano para conseguirmos o nosso fim:

1.º—ir a Santarem ouvir alguém do local onde se devia ter desenrolado o sanguinolento drama;

2.º—entrevistar o chapéu de chuva;

3.º—investigar sobre os antecedentes do limpa-unhas.

Estes tres pontos teriam feito desanimar quem não tivesse a nossa corágem e energia. Nós, porém, nem um minuto hesitámos.

O primeiro dia dos nossos trabalhos destinamol'o á estação de Santarem. Era meio dia quando ali chegámos.

A estação tinha o seu aspecto normal e a primeira pessoa que interrogámos foi um carregador mascarrado que estava dormitando de papo para o ar, estendido em cima d'um vagonete.

—O cidadão quer ter a amabilidade de nos dizer onde o criminoso foi preso?—começámos nós, dando o tratamento de cidadão por presentirmos no funcionario ferro-viario um dedicado democrata.

—Qual criminoso?

—O do limpa-unhas... O homem que veio do Brasil para estripar...

—Ah! aquelle *gajo* que foi preso aqui por tentar...

—Então elle sempre tentou?

—Ora essa? Esteve mesmo por uma unha negra...

—A assassinar o sr. dr. ...

—Não. A assassinar, não. A subir para o comboio é que elle esteve quasi...

—Avançou então, esgazeado, não é verdade? Depois...

—Nada d'isso. O *home* vinha quieto, mas percebia-se perfeitamente o que tinha escondido na ideia.

—E o que lhe parece que elle tinha escondido na ideia?

—O estrangulamento com os *pézes*...

—Com os pés?! E como calcula isso?

—Porque elle por duas ou tres vezes esteve a olhar para as botas como quem está a *inçaminar* a arma do crime.

Era um fio conductor.

Agradecidos por estes informes, retiramo-nos em busca do chapéu de chuva. Depois de muito trabalho conseguimos, graças á gentileza d'uma sentinella, ficar a sós durante alguns minutos com o *paragus* do Cunha Neves que continúa preso no governo civil. Nenhum signal particular apresenta digno de menção, além do elastico já bantante lasso.

Sem mais rodeios disparamos-lhe logo esta pergunta á queima roupa:

—Como tencionava o seu dono praticar o crime?

—Eu sei lá, sr.! Estou aqui preso ha que tempos como cumplice, e afinal nada sei.

—E' que ha todas as desconfianças de que o seu dono queria varar a victima com a sua ponteira. Sendo assim, ter-se-hia prestado a esse papel?

—Mas isso é uma calunnia. A minha ponteira de mais a mais está partida.

—Então como lhe parece que o Cunha Neves poria os seus tenebrosos planos em pratica?

O chapéu de chuva callou-se. Nós insistimos, e por fim, n'uma confidencia, explicou-se:

—Olhe, o unico indicio que pôde servir d'orientador é o facto de meu dono, antes de ter entrado na estação, haver palitado um dente com a ponta do limpa-unhas. D'este pormenor deve concluir-se que ou estava afixando aquelle instrumento para servir de punhal ou preparando a boca para cometer o assassinato á dentada.

Esta versão não era menos valiosa que a do carregador de Santarem e lançava já bastante luz sobre o tenebroso caso.

Para concluir o plano que tinhamos traçado, fomos em seguida proceder a investigações acerca dos antecedentes do limpa-unhas. Era este o ponto mais difficil da nossa missão e não foi sem grande dispendio de dinheiro e de energia que conseguimos apurar o seguinte:

O limpa-unhas tinha sido comprado em Paris, por 50 centimos, no *boulevard* dos Italianos, n'uma manhã chuvosa em que o Cunha Neves tinha as unhas muito sujas por ter estado a engraxar os sapatos no hotel. O referido objecto é d'origem americana e filho d'um chifre de boi argentino que tinha sido corrido na praça de touros em Madrid, n'uma tourada real. Não ha duvida portanto quanto á sua origem reaccionaria. Reunindo agora todos estes factos e applicando um raciocinio biologico, temos:

1.º—Que o criminoso projectava estrangular a victima a coice (depoimento do carregador);

2.º—Que em seguida se propunha devoral-a á dentada cortando-a em postas com o limpa-unhas (depoimento do guarda chuva);

3.º—Que o limpa-unhas, tendo antecedentes reaccionarios, era manifestamente um agente secreto dos *jasuitas* (investigações sobre os antecedentes).

Pavoroso e «órrivel»!

CRISPIM.

A resposta do velho realista

—«Meu pae, meu bravo militar antigo,
Que em tantas guerras affrontaste a morte
P'la patria e pelo rei, — na crença forte,
Escravo no dever, audaz no p'rgio;

Escuta e pensa bem no que te digo...
Depois, embora a dôr te desconforte,
Tu, que és justo, dispõe da minha sorte,
Que soffrerei, humilde, o teu castigo.

A *Idéa-Nova* penso em professar...
E como proceder um militar
Que jurou a bandeira, outrora amada...?»

—«Meu filho (diz) é livre o pensamento...
Mas antes do teu *novo* juramento
Abandona essa farda — que é sagrada!»

THOMAZ D'ÊÇA LEAL.

A VIDA ELEGANTE

deslizou um rosario gracioso de pequeninas perolas, d'uma singeleza de encantar. Mais tarde appareceu a sua novella *Tristão das*

No Funchal. A representação da peça em 4 actos, de Reis Gomes «Guimar Teixeira», por amadores.

A linda cidade madeirense tão garridamente debruçada á beira do Oceano, como se alli tivesse sido collocado um ramo de flôres polychromas annunciando ao viajante a moradia da Belleza, dá a meudo lições de bom gosto e exemplos de requintada cultura artistica, que devem ser postos em relevo e applaudidos incondicionalmente.

A representação de *Guimar Teixeira*, forma *theatral em quatro actos e cinco quadros*, da acção da novella *a Filha do Tristão das Damas*, é um d'esses casos interessantes que demonstram ser inevitavel o triumpho completo d'uma idéa, quando a vigorisa e anima aquella ousada persistencia que é um raro e nobre traço revelador da firmeza de caracter e da plena posse d'uma segura e forte vontade, condições essenciaes para vencer.

O sr. Reis Gomes, talentoso escriptor dramatico, é bem conhecido nas letras portuguezas, que devem ao seu culto espirito e á sua erudição pouco vulgar, algumas obras de merito real. O auctor da *Guimar Teixeira* publicou ha tempo um volume de grande valor litterario *O teatro e o actor*, onde affirmou, a par da delicadeza do seu buril de prosador, conhecimentos especiaes ácerca da arte de representar. A critica que em geral dormita placidamente sobre os livros que tem de apreciar, acordou um pouco surpreza com o ruido feito pela apparição da obra e, excepcionalmente, exercitou a sua acção em numerosos artigos encomiasticos para o livro e seu auctor. Vagou depois o sr. Reis Gomes a outro genero de litteratura, o conto; e logo da sua pena



Reis Gomes

O auctor da «Guimar Teixeira»

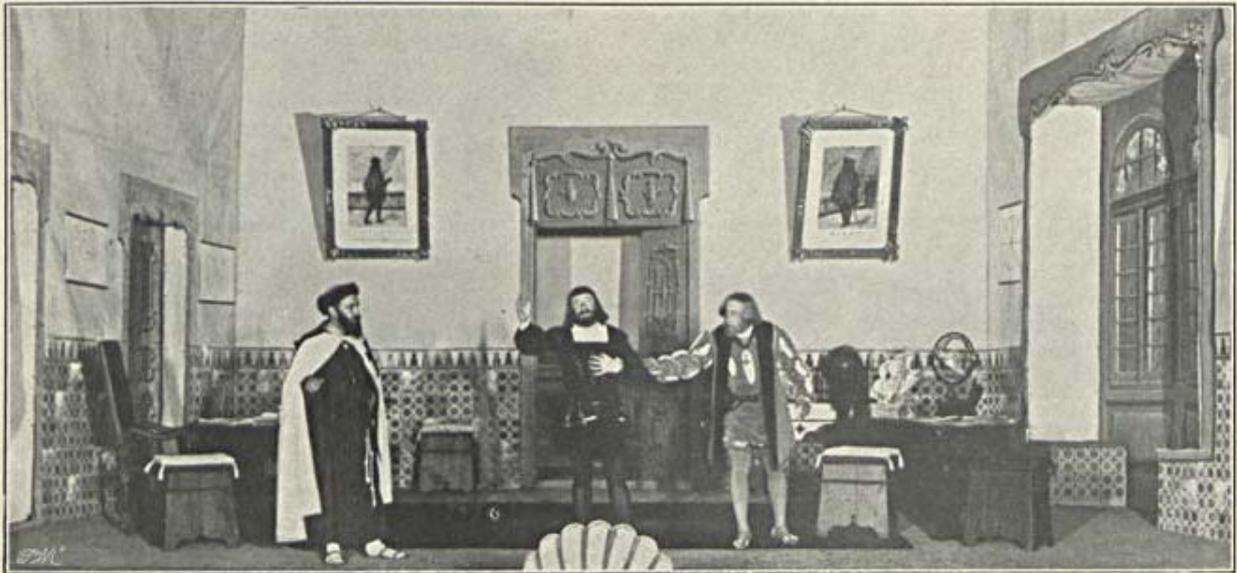
Vida elegante—No Funchal

A peça Guimar Teixeira



Scena primeira do 1.º acto — Um sarau em Machico

No primeiro plano: as sr.^{as} D. Maria Augusta Alvares Pereira de Sampaio Forjaz, D. Emma Trigo e Madame Soares de Oliveira.
No segundo plano: mademoiselle Maria Luiza de Meyrelles, madame Reis Gomes e madame Sarmento



A peça Guimar Teixeira — 2.º acto — O sonho do Colombo

Damas, uma narrativa cheia de emoção baseada em certo episodio da historia madeirense dos fins do seculo xv, principio do seculo xvi. Com esse trabalho o sr. Reis Gomes patenteou uma nova face do seu bello talento, vendo-se logo que estava alli a base essencial para uma primorosa obra de theatro e no auctor o artifice capaz de a levantar para a admiração entusiasta d'um publico. Parece que fóra, de resto, a primitiva idéa do sr. Reis Gomes aproveitar o episodio para uma peça. Antevendo difficuldades na realisação do seu natural desejo de vêr o seu trabalho em scena, o distincto escriptor enveredou então com o seu assumpto para outra fórma litteraria; mas, nunca o primeiro pensamento o abandonou; e tempo depois, da novella surgiram os quatro actos da *Guimar Teixeira* com todo o penetrante sentimento que perfuma algumas das suas scenas capitaes e o grandioso aspecto historico que explende e refulge em todos os seus actos.

Veio o auctor com a sua peça para Lisboa, animado, excitado, pelos incitamentos de amigos e admiradores: e começou então aquella dolorosa peregrinação que é para a maioria dos auctores

dramaticos portuguezes um veneno fatal, destruidor das mais fortes energias. Primeiro recebeu o sr. Reis Gomes uma prematura impressão de triumpho. A peça foi recebida no velho theatro normal onde os principaes artistas tendo á sua frente Maximiliano de Azevedo, o fallecido escriptor, fizeram a *Guimar Teixeira* um entusiastico acolhimento. Mas, logo vieram as difficuldades financeiras. A peça era apparatusa, demandava a sua montagem um grande dispendio, e as circumstancias... o momento... a velha penuria, em summa, que é o bloco posto em cima de muitas aspirações legitimas. Reis Gomes voltou á Madeira desanimado. Tempos depois Maximiliano de Azevedo morreu e com elle um dos mais devotados propagandistas da valia theatral de *Guimar Teixeira*. Foi então a obra impressa n'uma edição destinada a limitado numero de amigos e o auctor esperou o momento da justiça, que nunca falta a quem a merece, embora por vezes, á impaciencia do nosso desejo, pareça que chega tardiamente...

Amigos e admiradores de Reis Gomes, reconhecendo na peça um alto valor litterario e theatral reuniram-se para um bello e



A peça Guimar Teixeira — 3.º acto — O torneio

consolador exemplo de bom gosto e até de patriotismo. Era preciso representar a *Guiomar Teixeira*, expol-a á luz da ribalta, evidenciar as suas bellezas, fazer ouvir as harmonias da tersa prosa que vestia o seu interessante assumpto; e tudo isso se fez, pela força dominadora d'uma forte e serena vontade. Na sociedade elegante da Madeira encontraram-se todos os elementos necessarios ao arrojado commetimento, desde os actores á comparsaria das mais brilhantes.

As manifestações de enthusiasmo succediam-se, surgiam dedicações, afirmações de tenacidade, exemplos de corajosa persistencia. O sr. Henrique Vieira de Castro, um bemquisto banqueiro da praça do Funchal a cujo espirito requintadamente culto não faz damno o fino prosaismo das cifras e dos cifrões, assumiu o cargo de director de scena, pondo á prova triumphalmente os seus

da Empreza cinematographica portugueza foi expressamente á Madeira e alli reproduziu esse episodio, obtendo um *film* interessantissimo que depois intercalado na acção da peça deu a flagrante impressão do bellico episodio.

Continuaram-se entretanto os ensaios com um enthusiasmo esplendido. Ao auctor, como ao director de scena não são conhecidos desfallecimentos, nem os entibiam dificuldades de qualquer especie. Nem as responsabilidades de interpretação, nem as difficuldades de encenação, — nada menos de 54 figuras a dispôr e a mover no palco!... Finalmente a peça foi dada por prompta e o sonho de Reis Gomes e dos seus amigos teve a mais feliz, a mais deslumbradora realisação. Em tres recitas a que acudiu todo o Funchal, o auctor e os seus collaboradores tiveram as mais altas e entusiasticas provas de apreço e a peça mostrou-se á luz da ri-



A peça «Guimar Teixeira» — 5.º quadro — Scena final e morte de Guimar

vastos conhecimentos de amator theatral. Distribuiram-se papeis: Reis Gomes, deslumbrado e commovido, teve de se prestar ao desempenho d'um dos seus personagens — o Christovão Colombo. Candido Pereira, antigo director da Escola Industrial do Funchal e talento artistico d'élite executou com superior competencia e absoluto rigor historico o *croquis* para o scenario, encarregando-se dos desenhos para o guarda-roupa e adereços, dando assim uma valiosissima collaboração para o exito do emprehendimento. Encommendaram-se os scenarios para Madrid, aos scenographos Gayo & Ripolli, que os executaram magnificamente e em harmonia com todas as indicações. Então começaram os ensaios, as experiencias de certos effeitos de luz, para o que se montou no palco do theatro do Funchal uma esplendida instalação electrica; e ahi começam a desenhar-se os primeiros e delicados traços das verdejantes palmas que pouco tempo depois haviam de symbolisar a victoria da peça de Reis Gomes, coroando-a risonhamente.

Uma nota interessante e absolutamente nova em Portugal pelo que respeita a effeitos theatraes; á primeira scena do 5.º quadro corresponde um episodio guerreiro que deve desenrolar-se á vista do espectador. Reis Gomes resolveu essa difficuldade; desprezando os velhos *trucs* teve a idéa de empregar a cinematographia no theatro, o que enthusiasmára o notavel scenographo Manini que se offerecera para dirigir a execução do scenario, quando a peça esteve para ser representada em Lisboa. No Funchal não se abandonou a idéa; poz-se em pratica e com o melhor resultado. Na vasta planície do Carriço, nas proximidades do Funchal, ponto que pelo aspecto se assemelha a um campo marroquino, manobrou um grande grupo de cavalleiros e peões, envergando os trajes de guerreiros mouros e os arnezes europeus. O operador Valdamiro

balta com toda a preciosa fulguração do seu valor litterario e dramatico.

Vamos a vêr agora qual o enredo da *Guiomar Teixeira*, para o que transcrevemos esta interessante descripção do *Commercio do Porto*:

«A peça tem uma parte da acção na Madeira e outra parte em Marrocos, na cidade de Safi, conquistada pelos portuguezes, e a sua época decorre nos fins do seculo xv e principios do seculo xvi.

A filha do orgulhoso donatario de Machico, espirito romantico impulsionado pela leitura da lenda dos amores de Maxim e Anna d'Arfet, que, segundo a tradição, aportaram á Madeira acoçados pela tempestade, e muito tempo antes da viagem de João Gonçalves Zarco, apaixonou-se por um joven mouro, lahya bem Tafut, figura historica que mais tarde foi chefe dos arabes fieis nos campos de Safi. Esse personagem mouro pela sua educação e nascimento, é, na realidade, filho de christãos, sendo seu pae D. João Gonçalves da Camara, donatario do Funchal, e sua mãe uma castelhana libertada pelo cavalleiro madeirense.

No meio dos mais interessantes episodios, Guimar é raptada pelo guerreiro arabe, que sob o nome de D. Rodrigo, fidalgo castelhano, se introduz na sociedade nobre da Madeira. E' protector d'esta aventura Christovão Colombo, ao tempo residindo no Funchal, onde acariciava o seu sonho de futuro descobridor do Novo Mundo, a seu turno protegido e hospede de João Esmeraldo, bondoso fidalgo flamengo.

Zara, dedicada escrava moura de Guimar, fôra companheira de infancia de lahya, e ama o nobre serraceno com entranhado

affecto, mas d'elle se esconde porque, seduzida e raptada por um malevolo chefe arabe, não quer entregar-se polluida ao escolhido do seu coração. Este amava-a apenas como irmã; mas, todavia, e com risco da propria vida, viera á Madeira acompanhado do pae de Zara, o velho ben Uacima, no intuito de procurarem a joven que ali julgavam encontrar.

Zara apenas se dá a conhecer a seu pae, e o seu cruciante soffrimento accentua-se ao descobrir o amor nascente entre Guiomar e lahya.

A pobre moura não resiste á dor immensa que a fere e decide pôr termo á vida, lançando-se tragicamente sob as patas dos corseis no brilhante torneio realizado em Machico, para celebrar o casamento de Colombo com Filippa Moniz.

Passam se 20 annos, Guiomar é a esposa de lahya, já então chefe dos arabes fieis. Tinha jurado acompanhá-lo sempre.

Ninguém em Safii á excepção d'um frade, sabia da sua existencia e entre mouros e portuguezes passava por um joven saraceno da casta rualfa onde havia typos brancos e louros descendentes dos vandalas invasores.

O *rualfa louro* como lhe chamavam, era o companheiro dilecto de lahya bën Tafut.

Chegára a frota madeirense que vinha auxiliar as operações contra os mouros que cercavam Safi. Commandava-a D. Simão Gonçalves da Camara, novo donatario do Funchal, filho de D. João Gonçalves e antigo apaixonado de Guiomar, que nunca pôde responder ao seu amor.

N'um recontro com o chefe dos rebeldes e já no fim da batalha favoravel aos portuguezes, Guiomar a cavallo com lahya quer defender Simão de um golpe que lhe foi vibrado pelo commandante das já dismantelladas hostes inimigas, mas é victima do seu altruismo e o alfanje do mouro attinge-a em pleno peito.

E' este o episodio reproduzido pela projecção cinematographica que n'uma rapida mutação desaparece, vendo-se então o campo de batalha que o luar vai illuminando pouco a pouco. Entra então o grupo conduzindo a ferida e Guiomar expira nos braços de lahya e de sua mãe, apparecendo então aos olhos de todos a sua linda e romantica figura.

D. Simão Gonçalves e sua irmão D. Manoel de Noronha, reconhecem na, recebendo ao mesmo tempo a surprehendente noticia de que lahya é tambem irmão de ambos.»

Do desempenho d'esta primorosa obra de historia e de sentimento dizem com entusiastico louvor os jornaes que temos presentes e as referencias particulares de pessoas que assistiram á representação da *Guiomar Teixeira*. Citam-se como notaveis as interpretações das sr.^{as} D. Emma Trigo no papel de *Guiomar*; D. Isabel Soares de Oliveira no de *Zara*; D. Deolinda Trigo, no papel de *Filippa Moniz*; D. Dulce da Camara Menezes Alves Reis Gomes, em dois pequenos papeis e os srs.: Fialho de Alvellos no papel de *Iahya*; dr. José Megre no *Donatario de Machico*; Alfredo de Oliveira em *Simão Gonçalves*; Henrique Vieira de Castro, que accumulava a fatigante tarefa de director de scena, com o desempenho do papel de *João Esmeraldo*; major Calixto Ferreira no papel do mouro *Ali ben Uacima*; major Camara Lomelino, no *D. João Gonçalves da Camara* e outros. Encontramos tambem n'esses relatos, especiaes referencias de entusiastica admiração á belleza insinuante e delicada de trez das senhoras que appareceram na figuração, onde de resto abundavam os rostos gentis.

E eis aqui como se exercitaram n'uma acção conjuncta para um pleno exito, o talento, o bom gosto e — a forte, a indestructivel vontade.

Melhor do que estes descoloridos apontamentos, dizem do brilhantismo com que foi posta em scena *Guiomar Teixeira*, as esplendidas photographias, executadas no *atelier Vicente* com um primor que honra o habil artista proprietario d'aquellas acreditadas officinas. Mais não é preciso para avivar a curiosidade dos que não tiveram o prazer espirital de assistir á representação da peça, restando-nos a esperanza de a vêr erguida para a nossa admiração e para o nosso applauso, n'um dos primeiros palcos de Lisboa. Este deve ser de resto o desejo de quantos se interessam pela litteratura nacional. O mesmo nobre pensamento que orientou os madeirenses deve animar os que em Lisboa possam influir para a realisacão do que deve considerar-se, mais do que uma exigencia do culto pela arte, um acto de puro e nobre patriotismo.

LUIZ TRIGUEIROS.

Todas as felicidades se assemelham, mas cada infortunio tem a sua fisionomia particular.

TOlstoi.

THEATROS

THEATRO DA AVENIDA — A revista "O 31"



2.º acto — Os pergaminhos